

INFANTARIA BRASILEIRA - HISTÓRIA DE SUA DOCTRINA



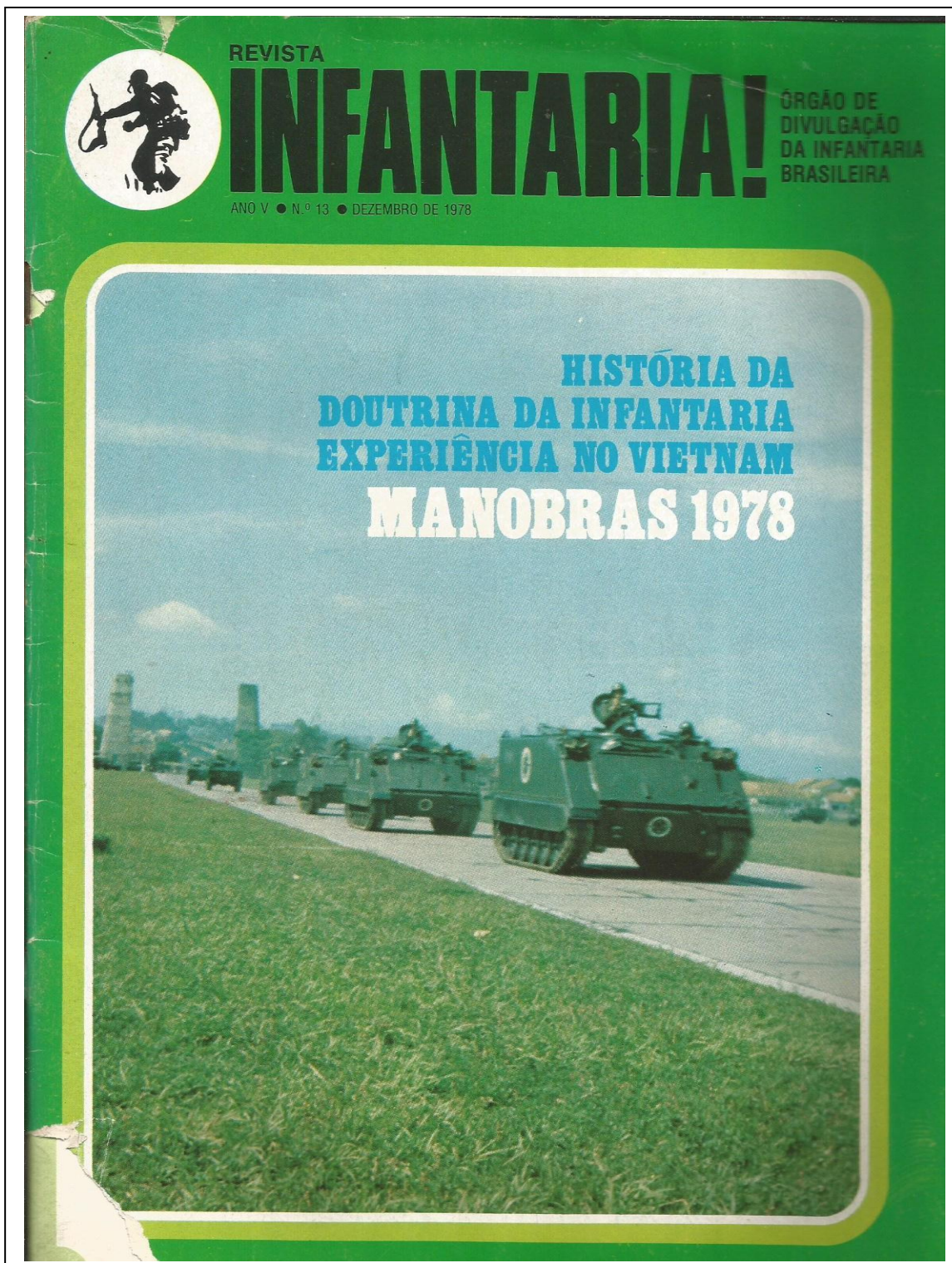
Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento
Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista (x)



LIVRO DIGITAL

Capa e sumário por Camila Karen C. S. Renê, com orientação do autor, tendo por fundo a cor da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro.

Digitalização de seu artigo na REVISTA INFANTARIA , do Cursode Infantaria da AMAM. nº 15 de Dezembro de 1979, para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB, www.ahimtb.org.br e cópia impressa, no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim a AMAN e em levantamento para colocá-lo no Programa Pergamium de Biblioteca do Exército



HISTÓRIA DA DOUTRINA DA INFANTARIA BRASILEIRA

Ten Cel Eng QEMA
Cláudio Moreira Bento(*)
(Instrutor de História Militar da AMAN)

(*) Membro da Comissão de História do Exército do EME (1971-73), do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, da Academia Brasileira de História, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Instituto Etnográfico e Histórico do Paraná.

A Bibliex usa com muita propriedade o slogan: “Uma nação é feita com homens e livros.” Por extensão podemos afirmar para a seguir tentarmos provar, no limitado espaço de um artigo, que a Infantaria Brasileira vem sendo feita por chefes e livros. Os últimos assinalando sua doutrina em determinada época e, em conjunto, o sentido da evolução dessa mesma doutrina, além de balizarem na História, para o infante brasileiro imortal, as glórias, tradições, vultos maiores, vitórias conquistadas e ensinamentos operacionais colhidos pela Infantaria Brasileira ao longo do processo histórico nacional de quase cinco séculos. E mais, da sua notável contribuição para a definição e preservação do Brasil como país de dimensões continentais, uno, íntegro e soberano, sob Deus.

AS ORDENAÇÕES AFONSINAS

A primeira doutrina de nossa Infantaria foi regulada pelas *Ordenações Afonsinas*, promulgadas em 1444 pelo Rei Afonso V. Com apoio nesta doutrina a Infantaria Brasileira ajudou a expulsar os franceses do Rio de Janeiro. No contexto desta luta surgiu glorioso o atual Regimento Sampaio, a mais tradicional unidade de Infantaria de nosso Exército.

BANDEIRAS DE INFANTARIA E OS BANDEIRANTES

Em 10 Dez 1570, o Rei D. Sebastião de Portugal baixou o *Regimento da Gente de Pé* que regularia a doutrina de nossa Infantaria até 1580, ano da União das Coroas de Portugal e Espanha. A partir desse momento e até a Restauração do Trono Português em 1640, a nossa Infantaria seguiu em largos traços a doutrina da Infantaria Espanhola, que manteve a supremacia nos campos de batalha europeus desde a batalha de Pávia (1541), até a de Lecroi (1643). Essa doutrina tinha como base o Terço de Infantaria estruturado em subunidades denominadas Bandeiras, das quais deriva o nome de *Bandeirantes* dado às expedições militares que alargaram nosso território além do Meridiano das Tordesilhas, sob a liderança de Raposo Tavares e outros tantos bravos e assinalados bandeirantes. Além dessa contribuição, na Amazônia, sob a liderança do capitão de Infantaria Pedro Teixeira, ela ajudou a expulsar o invasor da foz de nosso maior rio e a conquistar definitivamente para o Brasil aquela imensa e estratégica área.

No Nordeste, com apoio nessa mesma doutrina espanhola, enriquecida com características locais, como a *guerra de emboscadas*, a Infantaria Brasileira ajudou decisivamente a expulsar o invasor, além de contribuir para alicerçar o espírito de Nacionalidade e o do Exército Brasileiro. Nestas memoráveis lutas contra o invasor holandês foram consagrados definitivamente pela História do Brasil os grandes infantess brasileiros: Fernandes Vieira, Dias Cardoso, Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão, comandantes de Terços do Exército Patriota no Monte das Tabocas, Guararapes e outros gloriosos combates. Infantess lembrados hoje em nomes de ruas no bairro Guararapes da AMAN.

O CAPITÃO DE INFANTARIA PORTUGUÊS

Com a expulsão do invasor estrangeiro do Norte e do Nordeste e a restauração de Portugal em 1640, nossa Infantaria retomou a doutrina constante das *Ordenações Afonsinas*. (1).

A partir de 1680 o centro focal de nossas lutas deslocou-se do Norte e Nor-



Um infantess das Ordenações Afonsinas e do Regulamento de Gente de Pé do Rei D. Sebastião (Fonte: AHG-MEC)



Um infantess da Doutrina Espanhola do período da União das Coroas de Espanha e Portugal — 1580-1640 (Fonte: AHG-MEC).



Um infantess dos Regulamentos — O Capitão de Infantaria Português e do Conde de Lippe (Fonte: Barroso — Uniformes do Exército Brasileiro — 1922).

deste para o Sul e logo depois para o Oeste brasileiro. Mas, agora, contra os espanhóis nossos aliados de 1580-1640 e mais tarde, no século XIX, contra os seus descendentes. Lutas que se prolongariam por quase dois séculos, de 1640, data da fundação de Colônia do Sacramento, até 1870, término da Guerra da Triplice Aliança.

Em 1751, no que se pode apurar, o Coronel de Infantaria André Ribeiro Coutinho, na qualidade de comandante do RI do Rio de Janeiro, atual Regimento Sampaio, escreveu o seguinte trabalho:

O CAPITÃO DE INFANTARIA PORTUGUÊS, Lisboa, Régia

Oficina Sylviana e da Academia Real. 1751.

2v. 770 pp.

Seu autor, oficial de gabarito internacional, foi o segundo comandante militar do Rio Grande de São Pedro (atual RS), de 11 Dez 1737 a 5 Mar 1739. Sucedeu o Brigadeiro de Infantaria José da Silva Pais, fundador do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e primeiro professor de Engenharia no Brasil (2). Foi substituído pelo Cel Diogo Osório Cardoso — organizador e 1.º Comandante do Regimento de Dragões do Rio Grande — raiz histórica de toda a estrutura do Exército na área da 3.ª RM.

Um exemplar da obra citada foi doado à Bibliex pelo ilustre historiador Gen Paula Cidade (3).

A referida obra corporificou a doutrina da Infantaria Brasileira até por volta de 1770. Com apoio nela, nossa Infantaria, inclusive o Regimento Sampaio, lutou na Guerra Guarânica (1754-1756) no RS.

REGULAMENTO DO CONDE DE LIPPE

Em 1763 surgiu outra obra doutrinária de Infantaria. Seu autor foi S. Alteza o Conde Reynante de Schaumburg Lippe, Marechal General contratado por Portugal para reorganizar seus exércitos e que passou à História como Conde de Lippe, sinônimo de rigor disciplinar.

Sua obra, da qual existe exemplar no Centro de Documentação do Exército (Doc. Ex):

Regulamento para o Exército e Disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de sua Majestade Fidelíssima. Lisboa, Secretaria de Estado, 1763. 277 pp.

O referido trabalho corporificou a doutrina seguida pela Infantaria Brasileira ao final da guerra de Restauração do Rio Grande do Sul (1763 — 1778). Foi seguida pelo Regimento Sampaio, que ao lado dos RI de Moura, Bragança e Extremoz participou do assalto à Vila de Rio Grande, em 1.º Abr 1776, reconquistada depois de 13 anos sob o domínio da Espanha. (5)

O REGULAMENTO DE BERESFORD

Com a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, o nosso Exército Colonial passou por profundas reformas. Em 1810 foi criada a Academia Militar no Rio de Janeiro — raiz histórica da AMAN.

Somente em 1815, quando o Brasil atingiu o *status* de nação como Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves, por força de decisões no Congresso de Viena, foi editada entre nós a seguinte obra, que atualizava nossa Infantaria de acordo com a doutrina específica desenvolvida nas guerras napoleônicas:

BERESFORD, Guilherme Carr, mal. Instruções para Exercício dos Regimentos de Infantaria. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1815 (Com aprovação do Príncipe Regente de Portugal D. João). Doc Ex possui exemplar.

O referido regulamento foi elaborado por aquele oficial inglês que na ocasião comandava o Exército de Portugal na metrópole. Com apoio na doutrina nele contida, a Infantaria Brasileira lutou nas guerras contra Artigas (1816 — 28), lutas internas (1831 — 45) e guerra contra Oribe e Rosas (1851 — 52).

Nesta obra iniciou-se nos segredos de sua arma de origem, em 1817, como cadete do atual Regimento Sampaio, o Duque de Caxias — Patrono do Exército. Estudo por ele continuado com maior intensidade de 1818 a 1820 como aluno do Curso de Infantaria da Academia Real Militar do Largo de São Francisco no Rio de Janeiro. O prédio onde funcionou aquela escola está hoje ameaçado de demolição, fato lamentado por todos quantos no Brasil empenham-se por patriotismo, em preservar a Memória Nacional em seus vestígios mais simbólicos, como da escola em que estudou o Pacificador e, além, celeiro dos maiores nomes da Engenharia Civil e Militar do Brasil. São nossos votos de que os engenheiros que pretendem demolir aquele prédio encontrem solução urbanística para preservar e realçar ainda mais aquele histórico e sagrado prédio.

AS ORDENANÇAS DE INFANTARIA DE 1861

Em 1861, o Exército adotou com modificações adaptadas às nossas realidades operacionais e introduzidas pelo Duque de Caxias, então Ministro da Guerra, as *Ordenanças para a Arma de Infantaria*, em vigor no Exército de Portugal. (6)

Com apoio na doutrina contida naquelas ordenanças, a Infantaria Brasileira lutou nas guerras contra Aguirre 1864 e Tríplice Aliança (1865 — 70).

Foi com apoio nessa mesma doutrina que o Brigadeiro Antônio de Sampaio — Patrono da Arma de Infantaria, instituiu



Um infante das Instruções de Infantaria do Marechal Beresford (Fonte: HEB)



Um infante do Regulamento de Moreira Cezar (Fonte: HEB).



Um infante das Ordenanças de Infantaria de 1861, introduzidas no Exército pelo Duque de Caxias (Fonte: HEB).

a sua célebre Divisão Encouraçada, a qual, sob sua liderança, escreveu, na batalha de Tuiuti, uma das mais belas e gloriosas páginas da História da Infantaria Brasileira.

DESCASO PELO PROFISSIONALISMO MILITAR

Do término da Guerra da Tríplice Aliança até por volta de 1908, a História registra uma decadência do profissionalismo militar em benefício do bacharelismo, subproduto mal interpretado da luta republicana.

Nesse período a literatura sobre a Infantaria foi paupérrima.

Registre-se um regulamento a nível de batalhão, de autoria do Coronel Moreira César, morto no comando da 3.^a Expedição a Canudos.

No período em tela a profissão militar atingiu o seu mais baixo nível de desprestígio social. Na Escola Militar da Praia Vermelha a instrução militar foi completamente relegada, em benefício da formação de oficiais cientistas voltados para problemas brasileiros e de nenhum modo para o preparo do Exército para sua missão de Segurança Externa e Interna do Brasil. Tarefa esta, por desprezível, entregue aos "Tarimbeiros", oficiais formados na caserna, sem educação superior.

Por este descaso a Infantaria pagou pesado tributo em vidas em Canudos e Revolução Federalista de 1893-95 (RS, SC e PR), além de suportar vexames de humilhações frente a grupos revolucionários superiores ou equivalentes em operacionalidade.

A INFANTARIA NA REFORMA MILITAR

Com a Reforma Militar iniciada em 1901 na gestão do Ministro da Guerra, Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, filho do Patrono da Arma de Artilharia, e até a conquista de Monte Castello pelo Regimento Sampaio, verificou-se o maior surto cultural profissional militar, visando transformar o Exército à altura de seus compromissos com a Segurança do Brasil e sob o lema — "Rumo à tropa!"

Nesta fase muitos infantes, com seus escritos doutrinários, silenciosos e modestamente, em apoio à ação de destacados e ilustres chefes, contribuíram para que a Infantaria viesse a se comportar com dignidade, honra, competência e valor, ao nível das melhores infantarias que lutaram na 2.^a Guerra Mundial.

Centenas de artigos doutrinários sobre Infantaria foram difundidos para a tropa nas páginas dos seguintes periódicos militares, particularmente por infantes brasileiros que tiraram cursos nos exércitos de França, Alemanha e Estados Unidos:

Boletim Mensal do EME (1911-23);
Defesa Nacional (1913-45);
Revista Militar Brasileira (1922-45) e
Revista do Clube Militar.

Esta contribuição veio mais uma vez confirmar esta lição da História expressa por Castro Alves:

"Nem cora o livro de ombrear com o sabre. Nem cora o sabre de chamá-lo irmão."

Participaram ativamente daquele su-to cultural profissional instrutores e ex-alunos da Missão Indígena instalada em 1919 na Escola Militar do Realengo e da Missão Militar Francesa (1920-39), em nosso Exército.



*Infante brasileiro
que atuou na Itália com a FEB
na Segunda Guerra Mundial
(Fonte: AHG-MEC).*

● USEDA, Olívio Gondin, *Crônicas de Guerra*. 1952.

(Comandou o BI do Sampaio que conquistou Monte Castello. Foi historiador militar membro do I.G.H.M.B.).

As achegas que acabamos de ensaiar servirão de apoio para pesquisas pelo leitor interessado da História da Doutrina da Infantaria Brasileira. Esta, aqui por nós entendida:

Formas pelas quais a Infantaria Brasileira do Descobrimento até nossos dias, tem-se organizado, equipado, instruído, desenvolvido as forças morais da guerra (motivação do porque lutar e instruir-se) e combatido.

Este entendimento será a fundamentação histórica necessária à compreensão da Infantaria Brasileira no combate moderno e base de estimativa de sua evolução provável. E assim sendo, constitui-se assunto de grande relevância profissional.

NOTAS

1 — PONDÉ. Academia Real Militar. *Anais do Congresso de História da Independência*. Rio, I.H.G.B., 1975. v. 4., p. 38.

2 — Idem. p. 41.

3 — CIDADE. *Síntese Três Séculos...* Rio. Bibliex. 1959. p. 74

4 — Idem. p. 89 e BENTO. *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Porto Alegre, IFL, 1975.

5 — BENTO, Bicenário da Restauração do RGS. *RIGHMB*. n.º 74

6 — Idem nota 3, p. 110.

7 — BENTO. *Como estudar e pesquisar a História do EB*. Brasília, EME, 1978.

● DENYS, Odylio. *Instrução na Infantaria*. 1934.

(O autor foi instrutor da Missão Indígena e especialista em ordem unida. Atingiu o alto cargo de Ministro do Exército.)

● ANDRADE, D. *Sec Cmdo de Btl*. 1934.

● CORONA, Del. *Caderneta do Infante*. 1934.

● SILVA, Golbery Couto. *Tiro de Morteiro*. 1934.

(Atual Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República).

Difundidos pela Bibliex:

● ALBUQUERQUE, J. F. 2.º RI — *O Dois de Ouro*. 1964.

● ANDRADE, Delmiro P. *O 11.º RI na II GM*. 1950.

● DAMASCENO, Filadelfo. *O Batalhão Pirajá*. 1960.

● MENDES, W. T. *Escola Americana de Treinamento de Cmdo de Pel em Santa Ágata*. 1949..

● NETO, Silva. *RI Itororó*, 1949.

● PALHARES, Gentil. *De S. João Del Rey ao vale do Pó*. 1957.

● SILVEIRA, Astrogildo. *6.º RI Expedicionário*. 1947.

● SOUZA, Euzébio. *Sampaio — Patrono da Infantaria*. 1944.

*Infantes
brasileiros
da atualidade
operando
um morteiro.*





Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes, Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980 onde crou em sala espacial o Arquivo da FEB. E autor de mais de 150 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Publicou : **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas alé de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviario Sul considerado serviço de natureza nacional relevante. Tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia uma caminhonete Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Tunel 20 ,então considerdo o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Valedo Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembléias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN ,ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas ,e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagunde e foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da

Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano de 2023 complementara 92 anos de idade .Se Deus quizer!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Toda a sua obra historiográfica esta disponível em seu site ,criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento.Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por termino de seu contrato por PTTC ,criou independentes 5 AHIMTB ,até então dependentes da FAHIMTB,com a finalidade de se manteram fiéis ao espirito da FAHIMTB,durante os seus 23 anos de proficua existência.

CURRÍCULO DE CAMILA KAREN C. S. RENÊ



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site www.ahimtb.org.br

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o

solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHIMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”